



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PÓS-GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO EM LATO SENSU
EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

ELINEIDE LUIZ PAES

**ORGANIZAÇÃO PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AGROPECUÁRIA NA ALDEIA
ESPERANÇA**

Campo Grande/MS
2018

M	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>
L.P, ELINEIDE	<p>ELINEIDE LUIZ PAES</p>
ORGANIZAÇÃO PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AGROPECUÁRIA NA ALDEIA ESPERANÇA	<p>ORGANIZAÇÃO PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AGROPECUÁRIA NA ALDEIA ESPERANÇA</p>
2018	<p>Campo Grande/MS 2018</p>

ELINEIDE LUIZ PAES

**ORGANIZAÇÃO PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AGROPECUÁRIA NA ALDEIA
ESPERANÇA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena. – sob a orientação do Prof^a. Me..Elinéia Luiz Paes Jordão.

Campo Grande/MS
2018

Luiz Paes, Elineide

Organização e Produção Agrícola e Agropecuária na Aldeia Esperança Elineide Luiz
Paes/Campo Grande, MS: UEMS, 2018.

29 p. ; 30cm.

Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade
Universitária de Campo Grande, 2018.

Orientadora: Profa. Ma. Elinéia Luiz Paes Jordão.

1.Sentidos. 2. Identidade . 3. Trabalhos Manuais 4. Terena. I. Título.

CDD

Cdd ??????????

ELINEIDE LUIZ PAES

**ORGANIZAÇÃO PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AGROPECUÁRIA NA ALDEIA
ESPERANÇA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena. – sob a orientação do Prof^a. Me..Elinéia Luiz Paes Jordão.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Me..Elinéia Luiz Paes Jordão. (UEMS)

Prof. Me. Miguel Jordão (Funai).

Prof. Me. Dalila Luiz .(UEMS)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Me. Elinéia Luiz Paes Jordão

A minha família, pelo incentivo.

Aos amigos e colegas, principalmente a amiga saudosa Márcia Lopes Luiz.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL - UEMS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

**ORGANIZAÇÃO PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AGROPECUÁRIA NA ALDEIA
ESPERANÇA¹**

Elineide Luiz Paes²

elineideluispaes@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho caracteriza as atividades econômicas nos setores da agricultura e pecuária dos indígenas da etnia Terena que residem na Aldeia Esperança, uma nova aldeia, que atualmente passa pelo processo de demarcação das Terras Indígena do Estado de Mato Grosso do Sul, situada na região - Terra indígena, Taunay- Ipegue. A pesquisa tem como objetivo principal, compreender um pouco sobre a importância da terra para o indígena demonstrando a produção que nela estão sendo feitas pelos Terena dessa aldeia ao longo de mais de cinco anos de retomada. Muitos preconceitos com ideias negativas sobre os indígenas são levantados e colocados de uma forma que os expõem como preguiçosos, arruaceiros, invasores e incapazes de produzirem para a sua própria subsistência. O relato a seguir através da pesquisa, foi mais uma forma de contradizer o que esses preconceitos lançados na mídia andam divulgando por falta de argumentos convincentes. A falta de recursos, principalmente os tecnológicos que essa comunidade ainda não usufrui, constata uma produção agrícola bastante limitada, baseando-se na agricultura de subsistência. A pecuária é composta por pequenos criadores de bovinos e equinos. A Aldeia Esperança constitui uma política autônoma, com um cacique que representa a comunidade. O trabalho foi feito através de entrevista com o Cacique da aldeia, relatos e considerações da minha própria experiência de vida enquanto moradora e membro dessa comunidade Terena.

PALAVRAS-CHAVES: Aldeia Esperança, Terra Indígena e Terena.

¹ Monografia apresentada como parte dos requisitos acadêmicos para a obtenção do título de especialista na temática Língua e Cultura Terena pela UEMS, sob orientação do prof^a. Me. Elinéia Luiz Paes Jordão.

² Graduada em Letras / Licenciatura pela UFMS.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL - UEMS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

INAMATI ITUKETI YAVÍPUXOVOKU PERANSA

Elineide Luiz Paes³

elineideluispaes@hotmail.com

UKE'ÉPEXÊTI

Pora inamati ituketi hara ponovo kuaatibekonomica Yoko xoko agriculturake Yoko pecuáriakiya xapa kopenoti térenoe ovoti yaye inámati ipuxóvokuti kuarati perânça kuane kuxoti koyuhopete ukeati xoko nati. Hara vóvo Taunay Ipegue estadu na Mato Grosso do sul. Yonoku poneovo ra isoneúti maka motovati exeokono itukeovo kuati nókone xapa kopénoti énomone “pokê'e”, enone óvo nôku Yoko véyoku nîka xoenexope itóponove xe'éxahiko. Koeku ovea yake cingu koéti xo'énoe.

Pora kopenoti hiko haína xóne hulékete kuane haína xane yomoti nóne ovokúti, haina váhere kuane haína ne yomoti urukeovo okóti exâ'o itukeovo kanaúti ítukene kopénoti, urukeovone vo'óku exoati ne itukeovo itukehiko.

Porá inámati ipuxóvokuti kuáhati perânça, úti ne yuí"xopovo ako'ó katarakoviti kuane ako'o úke pahukoti xapakuke kopenoti ovoti yaye. Houxovone ovoti yaye inâ itukohiko natina kuahati mayane mere capitão- cacique motovati, ipúsokea pahapéti xoko pahukoti kuane vati exea apeya ipuxovokuti apêti xanéna enomone ne kuahati – “retomada”heu koetine ipuxóvokuti haneko nâti, mowehikova ne ho'ópenohiko ápe, nâti, potovati akoyea pihohi koíyeva. Enómone kó'e ne engentina xepakunoe, mako exame huko'eti ovoku ponovoku.

YÓNOKU EM'ÚTI: Ipuxovoku Terenóe, Kuáhati, Perânsa.

³ Graduada em Letras / Licenciatura pela UFMS.

SUMÁRIO

Introdução	10
Objeto.....	10
Objetivos.....	10
Metodologia.....	10
Relatório de Campo (se for trabalho de campo).....	11
Suporte Teórico (se for mais do que 4 páginas, pode ser um capítulo)	11
I – Capítulo I - Estado da Arte	13
I.I- História da Retomada Esperança.....	14
I.II – Aldeia Esperança: localização e ecesso.....	15
I.III – O processo de demarcação das Terras Indígenas Taunay – Ipégue.....	15
I.IV – T.I Taunay – Ipegue.....	17
I.V - Área e população indígena da Aldeia Esperança.....	18
I.VI – Construção das moradias tradicionais da aldeia Esperança.....	18
I.VII - Constituição da liderança Indígena da Aldeia Esperança.....	20
II – Capítulo - Atividades econômicas no passado e migrações indígena para o meio urbano	20
II.I – Produção agrícola na Aldeia Esperança.....	20
II.II – Atividade da Pecuária na Aldeia Esperança.....	25
II.III – Análise de dados.....	27
II.IV - Registro da produção agrícola na Aldeia Esperança.....	28
6 Considerações finais	31
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado da pesquisa que teve como objetivo principal caracterizar a atividade econômica da aldeia Esperança que atualmente passa pelo processo de demarcação de Terras Indígenas, nos setores da agricultura e pecuária. O enfoque é dado a comunidade indígena dessa área, que encontra nesse tipo de trabalho sua forma de reprodução social. A pesquisa retrata o número de famílias que atualmente residem nessa aldeia à cinco anos de retomada e a produção que nela estão sendo feitas tanto na atividade agrícola como na pecuária. Relata também alguns produtos agrícolas cultivados nessa comunidade bem como o destino desses produtos baseado na agricultura de subsistência. Relata também a criação de bovinos desenvolvidos na aldeia bem como o destino do mesmo para alguns frigoríficos do nosso estado.

Objeto

Glossário em Terena da produção agrícola da Retomada.

Objetivo

A pesquisa que teve como objetivo principal caracterizar a atividade econômica da aldeia Esperança que atualmente passa pelo processo de demarcação de Terras Indígenas, nos setores da agricultura e pecuária.

Metodologia

O trabalho foi feito com coleta de dados por meio de entrevista com o Cacique da aldeia Esperança, relatos e considerações da minha própria experiência de vida enquanto moradora e membro dessa comunidade Terena. A pesquisa possui abordagem descritivo-qualitativa e quantitativa.

Relatório de campo

Foi desenvolvida uma pesquisa de campo, objetivando registrar o Glossário da Organização, produção agrícola e agropecuária da Aldeia Esperança e seus aspectos linguísticos, contemplando entrevistas com lideranças indígenas, procurando registrar também o olhar da comunidade indígena sobre a língua e a cultura Terena. Foi realizado Entrevista com a moradora e professora ZelyLuis Paes, e pesquisas de palavras na língua Terena.

Suporte teórico

Para a autora Raquel Pereira Maciel a língua é muito importante para o homem, pois é ela que define a interação com o exterior e com os demais indivíduos do seu meio social. Ainda afirma que O léxico de uma língua vive em constantes mudanças (CARVALHO, 1989). A mesma autora aborda esse assunto explicitando que o léxico vive em expansão devido à interação e a incorporação das experiências pessoais e sociais da comunidade que a fala.

Neste sentido pode-se dizer que os falantes de uma língua estão em constante aprendizado, conceituando e atribuindo significados as novas palavras, que surgem para inteirar espaço em branco de seu sistema léxico gramatical (ALBERTI, 2005).

Observa-se que no contexto Terena a família também é muito importante para o criança Terena. Na família, inicia-se o processo de educação, que é aprimorado na escola. A autoridade paterna é também muito importante no papel educativo e disciplinar, enquanto a autoridade da mãe contribui para o lado afetivo e emocional da criança; ela adquire respeito aos mais velhos e só fala quando tem autorização de uma pessoa mais velha.

Escola e família estão em contínuas mudanças e, ao mesmo tempo, também mudam as manifestações culturais. Uma das mudanças veio com os alimentos que se plantavam, respeitando a terra e adubando-a com um conhecimento próprio, mantendo o tempo certo para colher e para comer. Hoje a terra está desgastada, existem os produtos químicos que auxiliam na adubação da terra de forma que acelera a produção, planta-se hoje e colhe amanhã, sem critérios sobre o que é prejudicial para saúde e, principalmente, sem respeitar as tradições, mesmo entendendo que estas são dinâmicas.

No âmbito familiar, a tradição na organização social Terena vem alterando o costume social do casamento. Algumas mudanças vieram com as influências urbanas. Na visão de uma parte da população da Aldeia Esperança, que ainda mantém a língua no cotidiano, existe um conflito devido a essas novas incorporações, ou novos modos de vivência, à globalização. Os conflitos devem ser trabalhados na comunidade, entre os anciãos, os adultos, as lideranças para que, ao se refletirem no bom convívio social, ajudem a encaminhar a preservação da Cultura Terena.

Culturas e línguas são frutos da herança de gerações anteriores mas estão sempre em eterna construção, reelaboração, criação, desenvolvimento. O respeito ao direito à diferença exigida no Brasil pela constituição Federal de 88 é o principal recurso para continuidade do processo de construção desse patrimônio vivo, sempre renovado em seus conteúdos e possibilidades e de valor inestimável.

O futuro das línguas e Cultura indígena relaciona-se a existência dos povos como sociedade dinâmica, no plano social, econômico e político. A Educação Escolar deve ser intercultural, bilíngue, específica e diferenciada, devem estar diretamente relacionadas necessidade do povos indígenas, baseada na realidade linguísticas e cultural. Na era da globalização é impossível pensar que o Português, não seja introduzido nas sociedades indígenas, pois há sociedades indígenas em que a criança possui como português como língua materna.

Ao entrar num sistema formal de ensino, a criança indígena traz consigo o uso coloquial da língua materna e cabe à escola sistematizar esses conhecimentos oferecendo situações de interação sócio comunicativas em que a criança utiliza a linguagem verbal de forma clara e ordenada.

Assim, o desenvolvimento dos conteúdos deste eixo tem a função de levar a criança a aprofundar os seus conhecimentos sobre as situações sociocomunicativas realizadas no cotidiano, para que interajam com seus pares de forma mais consciente, no sentido, inclusive, de transformação da sua realidade social. “Neste sentido o professor indígena bilíngue a mais de 30 anos Jonas Gomes na escola da aldeia, relata” Antigamente as crianças indígenas eram obrigadas a falar a língua portuguesa e proibidas de falar a língua indígena Terena. Assim as crianças misturavam as duas línguas surgindo assim as palavras ditas “aportuguesadas”.

I - Estado da arte

Atualmente as comunidades indígenas sofrem significativa transformação social, cultural e linguística, isso se dá pelo contato e influencia da cultura não indígena, o surgimento de empréstimos lingüísticos da língua portuguesa na língua Terena é um dos exemplos, reflexo do contato cultural, podemos dizer “imposição cultural e lingüística”, na qual o povo Terena “acredita” que deve adequar-se as costumes contemporâneos para sobreviver e serem bem sucedidos na escola, universidades e concursos públicos, na sociedade envolvente. Assim constatam-se as transformações na cultura indígena Terena e o impacto social, e conseqüentemente influenciando a perda cultural e linguística, pois cria-se também o mito de que os indígenas devem falar somente o português e seguir o modelo da sociedade não indígena.

Em uma roda de conversa entre os professores indígenas na Escola Municipal Indígena Polo Feliciano Pio, a professora indígena Terena Zely Luiz Paes (55 anos), professora a mais de 30 anos atualmente moradora da nova aldeia Esperança, município de Aquidauana ressalta que as comunidades indígenas tentam reafirmar sua identidade étnica mantendo a cultura viva e principalmente a língua indígena, pois hoje faz parte do currículo nas escolas indígenas, no entanto é um trabalho árduo, pois na Aldeia Esperança os jovens e as crianças não estão falando mais a língua Terena. A Professora explica: “ *Os pais dos nossos alunos pararam de ensinar a nossa língua Terena porque acham que é uma maneira de proteger seu filho, para que ele não tenha dificuldade na escola, pois quando criança eles que são falantes da língua materna sofreram muita discriminação e humilhação por não falarem bem ao língua portuguesa ,pois os professores eram da cidade e não eram índios. Quando conversavam em sala na língua Terena eram punidos com a “palmatória” era utilizado uma régua de madeira e eram proibidos de falar em Terena na sala de aula, assim não querem que seus filhos passassem pela mesma situação”*.

As comunidades indígenas Terena hoje estão vivendo dois processos educacionais, 1º Manutenção da língua Terena (realizadas nas escolas onde as comunidades são falantes da língua Terena) e o 2º Revitalização (realizada nas escolas onde a comunidade tem como primeira língua o Português e a língua Terena passa a ser a segunda língua”

De acordo com os referenciais curriculares Nacionais, os educadores indígenas têm a tarefa principal de alfabetizar em suas próprias línguas. No caso da educação escolar Terena, com um professor índio, que tenha domínio da língua Terena estariam afastadas muitas das dificuldades do processo ensino e aprendizagem. Para o professor Terena também seria uma forma de

aprender mais sua própria língua pesquisando com os mais velhos da aldeia. Com o estudo da própria língua, os indígenas recuperam metodologias próprias, saberes, fazeres, configurando assim a recuperação da tradição, no sentido dado por Hall (2004). Hoje se compreende melhor que há uma dinâmica sociocultural que traz mudanças e, se trabalhada com teorias educacionais, essas mudanças podem ser compreendidas e revalorizadas nos tempos contemporâneos e nos novos espaços de significação. Culturas e línguas são frutos da herança de gerações anteriores, mas estão sempre em eterna construção, reelaboração, criação, desenvolvimento.

Os alunos das escolas onde o processo educacional é a *Manutenção da língua Terena* a maior dificuldade é vencer a “vergonha que sentem em ser falante da língua Terena”, é necessário um processo de conscientização da comunidade indígena a “valorização da Língua Terena” mostrar a estes alunos que a Língua é fundamental para a identidade do povo indígena, mostrar o seu valor cultural. Com relação aos alunos que estão no processo de “Revitalização da Língua Terena” é um trabalho ainda mais complexo e cheio de dificuldades, pois os mesmo não demonstram interesse em aprender a língua Terena, parece que seria “inferiorizá-los”, esses alunos acreditam que não é preciso aprender, pois a língua Terena “não serve para nada”, valorizam a língua portuguesa, e muitas vezes questionam os professores em o “por que” aprender a língua indígena. Assim possuem grande dificuldade de escrita e pronuncia da língua Terena e não há incentivo por parte dos pais em aprender a língua.

O maior desafio do professor em ensinar a língua é superar essa barreira de desinteresse, desvalorização, preconceito com relação a língua por parte dos alunos e pais, tem um importante papel de incentivador, de conscientizar a manutenção e revitalização da língua para que não ocorra o apagamento da cultura Terena principalmente da língua.

I.I - História da Retomada “Aldeia Esperança”

O processo de retomada da Aldeia Esperança foi realizado após diversas reuniões entre lideranças indígenas, caciques, mulheres, jovens e membros das comunidades indígenas da Terra Indígena Taunay Ipegue foi concretizada em 31 de maio de 2013.

I.II - Aldeia Esperança: Localização e acesso

A Aldeia Esperança faz parte do movimento de retomada indígena que acontece em todo o Estado de Mato Grosso do Sul. Indígenas de várias etnias do nosso estado cansaram de esperar por uma decisão da justiça e passaram a retomar áreas rurais próximas às suas reservas que são suas por direito, constatadas através de estudos antropológicos realizados durante vários anos. Sendo assim, a Aldeia Esperança faz parte desse movimento indígena, e passa pelo processo de demarcação das Terras Indígena- Taunay-Ipegue, com pouco mais de dois anos que aconteceu esse fato.

A Aldeia Esperança está localizada no Estado de Mato Grosso do Sul, Município de Aquidauana com o distrito em Taunay. O acesso a aldeia é feito através da rodovia federal pavimentada BR -262, que liga o distrito de Taunay às cidades de Aquidauana e Miranda. Da entrada do distrito de Taunay através de estrada não pavimentada são 17 km até a aldeia Esperança. As cidades mais próximas à Aldeia Esperança são portanto as cidades de Miranda com 47 km e Aquidauana com 57 km de distância.

I.III - O Processo de Demarcação das Terras Indígena Taunay-Ipegue

O processo de Demarcação das Terras Indígena no estado de Mato Grosso do Sul vem de longa data, principalmente a Terra Indígena Taunay-Ipegue, nosso objeto de estudo. Não é uma questão recente que deu repercussão mundial por acaso, onde várias ONGS se mobilizaram na luta pelos Direitos Humanos. Muitos conflitos aconteceram e atualmente acontecem entre Latifundiários e índios, dando a perceber que essa situação tornou-se apenas mais um dos problemas que o Brasil vivencia atualmente. A morte de mais um indígena ocorrida recentemente ao sul do nosso estado, é apenas mais um fato ocorrido em consequência à disputa de interesses entre fazendeiros e indígenas relata a mídia. Até quando teremos que suportar tal situação que compete não aos fazendeiros nem tão pouco aos indígenas, e sim aos órgãos governamentais a resolverem de vez essa questão.

A luta dos indígenas pela demarcação de suas terras, vem pelo fato verídico através de estudos realizados anos após anos de que elas pertenciam mesmo a seus ancestrais. Outra preocupação das lideranças indígenas é o grande aumento da população indígena nos últimos anos. Consequentemente essa questão, passa a ser não apenas um direito dos indígenas, mas também uma necessidade urgente, ao que cabe os órgãos competentes resolverem tal situação.

O Processo a seguir emitido pelo MPF constata a veracidade dos problemas vivenciados pelos indígenas da região, onde o pouco caso da justiça em resolver tal problema, expõem claramente que o espaço físico da Terra Indígena – Taunay-Ipegue á não é mais o suficiente para a população Terena viverem de acordo com seus costumes e tradições.

MPF ajuíza ação para que Ministério da Justiça decida demarcação da Terra Indígena Taunay-Ipegue

Processo está parado no órgão há 6 anos. Inércia acirra conflito fundiário, que já culminou na morte de um indígena e duas tentativas de homicídio.



Em dois anos, cinco áreas foram retomadas pelos terena. Foto: MPF/MS

O Ministério Público Federal (MPF) em Mato Grosso do Sul pediu à Justiça que obrigue o ministro José Eduardo Cardozo a se posicionar, em 30 dias, sobre o processo de demarcação da Terra Indígena (TI) Taunay-Ipegue, localizada no município de Aquidauana. Segundo a legislação, os estudos demarcatórios realizados pela Funai devem ser analisados pelo Ministério da Justiça (MJ) no prazo de 30 dias, mas o procedimento está parado no órgão há mais de 6 anos.

A ausência de decisão do MJ tem acirrado o conflito fundiário na área e em todo o estado, com violências e ameaças por parte de índios e não índios. Nos últimos dois anos, ao menos um homicídio e duas tentativas de homicídio de índios terena ocorreram em MS e cinco propriedades de terras foram retomadas pela etnia.

Para o Ministério Público Federal, a inércia da administração prejudica todos os envolvidos no conflito. “Os produtores rurais não-índios ficam privados das indenizações devidas e dos reassentamentos de direito, que dependem dessa manifestação do Ministro da Justiça. Permanecem sujeitos a constantes ocupações e conflitos, sem uma definição formal acerca da questão. Os índios, por sua vez, continuam sem o pronunciamento conclusivo sobre os limites das terras, em reiterados embates com os agricultores e disputas internas em razão do espaço exíguo”.

Na visão do procurador da República Emerson Kalif Siqueira, a situação é grave e necessita de resposta imediata da Administração Federal. “Um embate armado de grandes proporções é iminente e a tomada de posição pelo Ministério da Justiça, em cumprimento ao prazo legal para decidir, é indispensável e urgente.”

I.IV - TI Taunay-Ipegue

O pedido de revisão dos limites territoriais da Terra Indígena Taunay-Ipegue iniciou em 1985, há mais de 30 anos. Em 1999, os estudos demarcatórios começaram a ser realizados na região pela Funai e foram concluídos em 2004. O Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da área concluiu pela existência de uma terra tradicional de 33.900 hectares e perímetro de 78.500 m².

O relatório foi objeto de manifestação dos interessados e a Funai se posicionou sobre todas as contestações, encaminhando o Procedimento nº 08620.000289/85 ao Ministério da Justiça em 2009, com proposta de expedição de portaria declaratória. O prazo para manifestação ministerial era de 30 dias, mas há 6 anos nenhuma posição foi tomada.

Liminar chegou a suspender a demarcação por mais de 3 anos. Contudo, após a revogação da medida, o processo ficou à disposição do ministro por 2 anos e 10 meses para decisão – prazo 34 vezes maior que o previsto no Decreto 1.775/96 – e novamente o MJ permaneceu inerte.

A situação é agravada ainda pelo considerável crescimento da população da Terra Indígena Taunay-Ipegue. Em 2004, eram 3.880 índios, hoje já somam mais de 5.500 pessoas em uma área de apenas 6.461 hectares. Em média, são 6,8 hectares por família, quantidade de terra insuficiente, se ponderada a qualidade do solo da região, já localizada no Pantanal.

“A omissão da Administração Federal é ilegal e abusiva e faz com que índios e não-índios recorram ao uso da força para defender seus interesses, colocando em risco a vida de todos”, destaca o MPF na ação.

A demanda judicial, com pedido de liminar, tramita na 2ª Vara da Justiça Federal em Campo Grande. Referência Processual na Justiça Federal de Campo Grande: Autos nº 0008916-21.2015.4.03.6000.

I.V - Área e população indígena da Aldeia Esperança

A área total da Aldeia Esperança é de 12 mil hectares .A comunidade instalada nessa aldeia são indígenas da etnia Terena oriundas de aldeias vizinhas da mesma, (Aldeia Ipegue, Colônia Nova, Bananal, Lagoinha, Água Branca, Morrinho e Imbirussú). Atualmente, segundo o senhor Mauro Paes, atual cacique da Aldeia Esperança ,reside nessa aldeia 48 famílias, com a média de 4 pessoas por famílias , com aproximadamente 200 pessoas entre crianças e adultos. Essa área indígena foi retomada no dia 31 de maio de 2013, onde mais de mil indígenas participaram do movimento local. Logo após retomarem essa área, muitos indígenas vindo das aldeias destacadas anteriormente, que permaneceram no local, deram o nome a essa nova aldeia de Aldeia Esperança. O fazendeiro que na época residia na área ,não ofereceu muita resistência ao desocupar a fazenda, pois o mesmo tinha conhecimento dos estudos que foram feitos e que constatava claramente essa área como terra indígena. Nesse movimento de retomada, não houve conflito entre o ruralista com os indígenas e nem reintegração de posse, emitido pela justiça.

Muitos indígenas que estavam na luta pelo território justamente com o objetivo de trabalho, produção, visando o futuro dos seus descendentes, e que ainda carregam no sangue a tradição de um povo onde a própria história retrata os Terena como excelentes agricultores, logo iniciaram o trabalho na terra com suas produções agrícolas na área.

I.VI - Construção das moradias tradicionais na Aldeia Esperança

Os indígenas que permaneceram nessa área, logo começaram a construção de casas tradicionais como eram feitas no passado com madeiras e palhas de bacuri ,todas tiradas da mata nativa. No início cada morador construiu sua casa de acordo com o número de pessoas da sua família. Se hoje compararmos as atuais moradias dos indígenas em aldeias vizinhas, com as que foram construídas na Aldeia Esperança, constatamos que se resumem em barracos como são conhecida na sociedade envolvente.

O que devemos frisar e não deixarmos esquecer ao longo da história do povo Terena, é que essas mesmas moradias que atualmente são chamados de barracos, já foi moradia fixa por muitos e muitos anos dos nossos antepassados indígenas, claro que com uma técnica e material natural diferente e resistente, mas que não distancia muito da realidade da época.

A seguir temos as imagens de algumas etapas da construção das casas tradicionais feitas pelos moradores na Aldeia Esperança. A primeira etapa é feita com os esteios e as vigas.



Construção de casas tradicionais dos Terena.
Fonte: Mauro Paes

Logo abaixo temos outra etapa da construção da casa que é feita com a colocação do caibro com a ripa que vai sustentar a cobertura que é feita com a palha de bacuri.



Colocando os caibros e ripas
Fonte: Mauro Paes

Depois de pronta a armação da casa ,é feita a cobertura com a palha de bacuri ,utilizando uma técnica passada por gerações.



Cobertura da casa com a palha de bacuri.

Fonte: Mauro Paes

I.VII - Constituição da Liderança Indígena da Aldeia Esperança

Atualmente essa aldeia constitui uma liderança com autonomia política dentro e fora da comunidade. O líder foi aclamado pelo povo que ali reside, no início do ano de 2015. O cacique escolhido para representar os moradores por um período indeterminado de mandato, foi o senhor Mauro Paes, aclamado por unanimidade como o primeiro cacique da Aldeia Esperança, reconhecido pelos órgãos competentes que rege as leis. Foi também formado os membros e conselhos que compõem essa liderança indígena composta pelos moradores da Aldeia Esperança.

II - Atividades econômicas no passado e migrações indígenas para o meio urbano

A agricultura de subsistência e a pecuária praticada por alguns pequenos criadores de bovinos e equinos continuam sendo a principal atividade econômica dos Terena como foi no passado. As famílias que atualmente moram na Aldeia Esperança, a pouco mais de dois anos, estavam com deficiência de espaço físico para o plantio e para a criação de gado, visto que até então nas comunidades vizinhas em que residiam, já não suportava o número de população que ali viviam devido ao grande crescimento da população indígena dessa região. Os lugares onde as pessoas plantavam e criavam seus gados, deram lugares a novas moradias.

Segundo Azanha (2004), este quadro de liberdade, no entanto, é condicionado pela própria situação de reserva: dada à exiguidade territorial e a uma população cada vez maior,

seu espaço não se constitui apenas em uma base indispensável e exclusiva para a produção que possibilite a geração de renda e subsistência para todos os seus moradores. Antes e, sobretudo, a reserva era para a maioria dos seus habitantes, o lugar de moradia e de referência para a manutenção e atualização do ethos e identidade Terena: não se vive da reserva, mas na reserva.

Outro fator é que devido ao desgastes do solo através dos tempos no seu aspecto físico e sua baixa fertilidade apontada anos após anos de utilização, aumentava as dificuldades das famílias a produzirem para a sua própria subsistência e criarem seus gado. Em consequência disso, as famílias Terena que subsistiam da agricultura e da pecuária, já não conseguiam tirar dessas atividades os rendimentos mínimos e necessários para manter seu grupo doméstico.

Situações citadas acima constatam claramente, o porquê do processo dramático que os Terena das Terras indígena Taunay – Ipegue vinham sofrendo, onde não apenas os jovens mas também muitos pais de família migraram para o meio urbano em busca de emprego, almejando alguma forma de reprodução social que é sinônima de uma melhor condição de vida.

II.I - Produção Agrícola na Aldeia Esperança

Atualmente os indígenas que moram na Aldeia Esperança, vem encontrando condições físicas necessárias e favoráveis para a produção agrícola e a pecuária. O espaço físico passa então a não ser mais um problema para os indígenas que moram nessa aldeia, visto que são 12 mil hectares de terras para a utilização na produção agrícola e agropecuária.

No início muitos moradores começaram a limpar pequenas áreas para o plantio com enxadas e foices de acordo com suas disposições. Houve também a disponibilidade das aldeias vizinhas, que no início deram apoio as famílias que estavam se instalando na área o que proporcionou bastante incentivo aos moradores a iniciarem o cultivo de produtos agrícolas como a mandioca, milho, feijão entre outros alimentos para seu sustento.

As roças ou plantações, como é dito pelos indígenas, etapas delas ainda são realizadas pela forma tradicional, onde o primeiro contato com a terra é feita manual a base da foice, preparando a terra para gradear com máquinas vindas de outras aldeias vizinhas. Após o preparo da terra, vem o processo de plantação dos grãos que são feitos com o auxílio de plantadeira manual adquirida pelos próprios indígenas. Em fim, a agricultura ainda é feita na forma Tradicional com o cultivo de uma determinada cultura sem utilização de defensivos agrícolas, as sementes não são selecionadas, não há correção de solo, as técnicas praticadas são rudimentares, com produção baixa pela falta de modernização.

No entanto, ainda faltam recursos tecnológicos para a produção em grande escala, no que dariam condições favoráveis a esses produtores indígenas a estarem exportando seus produtos para atenderem o mercado externo às comunidades indígenas.

O objetivo dessa população futuramente é cultivar uma Agricultura Moderna, com o cultivo intensivo, ou seja, alta produtividade em menos terras cultivadas. Para isso a produção deve ser estruturada nas mais modernas técnicas e máquinas, além do acompanhamento de um agrônomo com o trabalho de correção, análise do solo e consequentemente as etapas do plantio e da colheita das lavouras.

Logo abaixo temos a plantação de feijão, realizada pelos moradores dessa comunidade. O preparo da terra foi feita no início de forma manual com foice, limpando o terreno, para depois passar pela mecânica através do trator com a grade arando a terra.



Preparo da terra para o cultivo
Fonte: Mauro Paes

A seguir temos a imagem da plantação de feijão feita pelos agricultores da Aldeia Esperança.



Plantação de feijão na Aldeia Esperança
Fonte: Mauro Paes

Após alguns dias o feijão cresce e com ele também vem o mato constatando que é hora de fazer a limpeza da roça. A limpeza é feita manualmente ou com auxílio de uma enxada que no caso é mais prático e o mais viável disponível pelos agricultores indígenas. Logo abaixo temos a imagem dessa etapa feita por um agricultor indígena, realizando a limpeza da lavoura na Aldeia.



Limpeza da plantação de feijão.
Fonte: ZelyLuis Paes

Temos ainda algumas imagens de outros produtos cultivados na Aldeia Esperança como a melancia colhida pelos moradores no ano de 2014.



Carreta com melancias cultivadas na Aldeia Esperança
Fonte: ZelyLuis Paes

Temos também a imagem da plantação de mandioca, é um alimento muito comum na mesa dos Terena da Aldeia Esperança, além dos seus derivados.



Plantação de mandioca na Aldeia Esperança
Fonte: ZelyLuis Paes

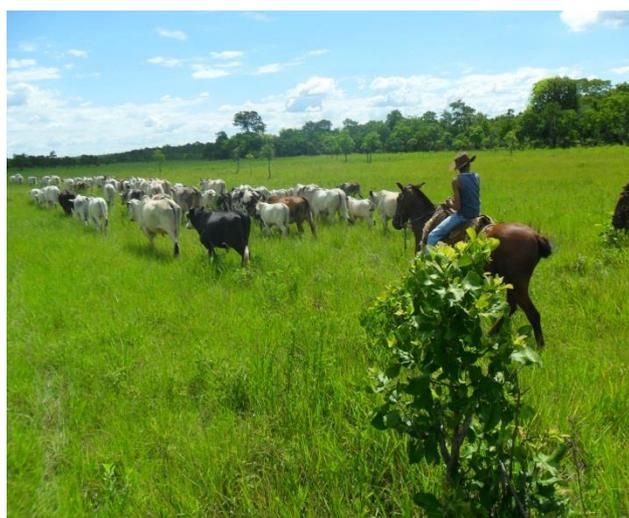
Em seguida temos também a imagem do maxixe outro tipo de alimento cultivado pelos Terena da Aldeia Esperança, alimento bastante comum na mesa dos indígenas.



Plantação de maxixe na Aldeia Esperança
Fonte: ZelyLuis Paes

II.II - Atividade da pecuária na Aldeia Esperança

A Pecuária Tradicional é outra atividade econômica realizada pelos Terena da comunidade da Aldeia Esperança. Essa atividade é composta por pequenos criadores de bovinos e equinos, com uma média de 20 a 30 cabeças de gado por criador. Há casos em exceção de poucos criadores que vem a muito tempo cultivando esse ramo de atividade e que possui mais de 50 cabeças de gado. Logo abaixo, temos a imagem de um criador conduzindo o seu gado para o mangueiro, onde o gado será trabalhado.



Criador conduzindo seu gado na Aldeia Esperança.
Fonte: Mauro Paes

Nessa atividade, alguns criadores possuem gado leiteiro, no que resulta na produção do leite e seus derivados como doces e queijos para o consumo e comercialização em aldeias

vizinhas. As bezerras que nascem são reservadas para a reprodução do rebanho, por isso dificilmente são comercializadas, já os bezerros machos que nascem durante o ano, após a desmama, são comercializados para grandes produtores de gado de corte .As vendas são feitas pelos próprios proprietários do gado, onde o preço do animal é definido pelos criadores de acordo com o preço de custo.

Quando chega a época da venda, geralmente reúnem todos os criadores que tem o animal macho com interesse em comercializá-lo. O comprador vem analisa os bezerros, avalia a proposta e fecha negócio .Portanto essa é mais uma fonte de renda de algumas famílias que praticam esse tipo de atividade econômica.

Outra atividade econômica realizada pelos Terena da Aldeia Esperança é a criação de equinos, animais que servem como meio de transporte para os indígenas nas atividades de campo no trabalho com o gado, e em carroças utilizadas para o transporte de cargas em fretes e pessoas. Vemos na imagem a seguir alguns desses animais na Aldeia Esperança.



Criação de equinos na Aldeia Esperança
Fonte: Mauro Paes

A manutenção do espaço físico da aldeia, nas áreas de trabalho como mangueiros, entre outros são realizados pelos indígenas, moradores da aldeia através de mutirões realizados frequentemente de acordo com as necessidades locais. Abaixo temos a imagem de alguns moradores indígenas da Aldeia Esperança, fazendo a limpeza do mangueiro, onde constantemente são trabalhados os rebanhos e em períodos de vacinação, realizado pela IAGRO.



Trabalhadores indígenas tomadomtereré após a limpeza do curral
 Fonte: Zely Luiz Paes.

II.III - Análise de Dados

Constata-se que na Aldeia Esperança há indígenas da etnia Terena oriundos da Aldeia Ipegue, Bananal, Lagoinha e água Branca, distribuídas as famílias na Esperança, Fazendinha e Retiro Caçula.

Com relação aos aspectos linguísticos as famílias vindas das aldeias Bananal, Lagoinha e Água Branca são falantes fluentes da língua Terena, tendo assim como primeira língua ou língua materna o Terena e segunda língua o Português. Observou-se que adultos, jovens e crianças falam fluentemente o Terena e possuem dificuldades em falar corretamente de acordo com as regras da língua portuguesa, como por exemplo a troca do artigo masculino e feminino. Ex: “*Aquele criança gosta de correr*” enquanto que o correto é “*Aquela criança gosta de correr*”

Podemos tirar alguns exemplos do cotidiano dos indígenas da Aldeia Esperança, no entanto há também nomes e palavras “aterenados” ou “aportuguesados” com a utilização de empréstimos lingüísticos. Podemos observar essas palavras no quadro abaixo:

Palavras “aterenados” ou “aportuguesados”	Palavras na língua Portuguesa
Mbôla	Bola
Pânu	Pano
Panâna	Banana
Vavíra	Guavíra
Mótu	Moto

Podemos observar que as palavras “aterenados” se assemelham muito com as palavras em português, havendo assim empréstimos linguísticos da língua portuguesa na língua terena.

II.IV - Registro da produção agrícola da Retomada.

Confecção de glossário do produtos agrícolas.

PLANTAS E PRODUTOS DA ROÇA

01 – XUPU – MANDIOCA

HIHI É FEITO DE MANDIOCA

HIHI ITUKOKONO HIHI NE XUPU.

02 – NI'E – URURCUM

A SEMENTE DE URUCUM SERVE PARA A PINTURA

ENEPONE NE'E MOTAVA HOMOXEA.

03 – SOPORO – MILHO

PAMONHA É FEITA DE MILHO.

ITUKOKONO YUKUI NE SOPORO.

04 – ANGICO – METAKIKU

METAKIKU SERVE PARA A CONSTRUÇÃO DE CASA.

ITUKOKONO OVOKUTI.

05 –KAME – ABÓBORA

A ABÓBORA É DOCE.

ITÍVETI NE KAME.

06 – PANANA – BANANA

A BANANA NÃO ESTÁ MADURA.

AVO ITAPU PANANA.

07 – VAMA – JATOBÁ

A SEMENTE DO JATOBÁ SERVE PARA FAZER COLAR.

ITUKOKONO NAKATI AKE VAMA.

08 – EMUKAYA – BOCAIÚVA

BOCAIÚVA SERVE PARA FAZER DOCE.

ITUKOKONO NDOCE NE EMUKAYA.

09 - NEVAL - ALGODÃO

O CHÁ DA FOLHA DO ALGODÃO SERVE PARA A LIMPEZA DO ÚTERO.

IPIXATI TUTI NEVAL KASASAIKOTI IHAKU KALIVONO.

10 – TUTI NARANGA – FOLHA DE LARANJA

O CHÁ DA FOLHA DA LARANJA SERVE PARA CURAR A FEBRE.

ITUKOKONO IPIXATI TUTI NARANGA MOTOVATI UNATIPEA OTUKO MUYO.

11 – TAKUREI – CANA DE AÇUCAR

O CALDO DA CANA DE AÇÚCAR SERVE PARA FAZER MELADO.

HO’O TAKUREI ITUKOKONO MELATU.

12 – KOE’E – BATATA DOCE

COME-SE A BATATA ASSADA.

NIKOKONO KOE’E OSAIUTI.

13 – VAVIRA – GUA VIRA

GUA VIRA É UMA PLANTA NATIVA.

VAVIRA IHAI HOI.

14 – MARA' O – YPE

O YPE TEM FLORES AMARELA.

APE MARA' O HYAITI HIU.

15 – EXATE – FOLHA DE BACURI.

CONSTROI CASA COM A FOLHA DO BACURI.

ITUKOKONO OVOKUTI TUTI EXATE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão que os dados pesquisados proporcionaram, construímos referências necessárias para se pensar o objeto de estudo. Deparamo-nos com certo avanço por parte das comunidades indígenas, como na luta contínua pela reconquista do território, pela preservação da cultura e da língua indígena Terena. Constatamos também o crescimento acelerado dessa população ao longo dos anos, preocupando as lideranças indígenas que buscam soluções para os mais variados problemas ligados a terra.

Esse fato demográfico que infelizmente hoje é a luta acirrada pela reintegração às suas terras, não diferencia os Terena das demais nações indígenas. Compreende-se também com o presente trabalho os impactos socioeconômicos e culturais que essa população vinha sofrendo ao longo dos anos por falta de espaço físico, mas que com a ampliação das reservas indígenas através das retomadas, muitos desses impactos vem sendo amenizados de forma gradativa.

Deparamos também no nosso objeto de estudo a comunidade indígena Aldeia Esperança, uma produção agrícola bastante limitada, por falta de recursos tecnológicos ainda não usufruídos por essa aldeia. Sendo assim a produção agrícola se baseia na agricultura de subsistência.

Deparamos ainda com uma pecuária bastante tradicional, onde criadores limitam sua produção em pequenas quantidades de gado leiteiro e gado de corte que abastece o mercado interno e externo às comunidades indígenas. Durante o ano, em épocas de vendas dos bezerros machos, na sua maioria são levados para o confinamento em fazendas e depois destinados a abastecer os frigoríficos do nosso estado atendendo assim o mercado externo.

Com relação aos aspectos linguísticos observa-se que na Aldeia Esperança, há uma parte dos moradores que falam fluentemente a língua Terena, tanto criança, quanto adultos, praticam a sua cultura repassando seus conhecimentos tradicionais de pai para filho. Há uma outra parte em que os indígenas não falam a língua Terena, mas à entendem em uma conversa ou diálogo entre os próprios indígenas. Em um processo de Revitalização e em constante contato com os falantes da língua Terena, esses indígenas da Aldeia Esperança tentam reafirmar sua identidade cultural e linguística.

REFERÊNCIAS

AGUILERA URQUIZA, A. H. **Culturas e História dos Povos Indígenas 7º módulo - Educação Escolar Indígena Marco Conceitual e Gestão**. Editora UFMS. 2014

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC: São Paulo: USP/CTI, 2000. 156P.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. Rio de Janeiro: Ed. F. Alves, 1976.

GONÇALVES, Anderson da Silva, Monografia, 2010.

Referência Processual na Justiça Federal de Campo Grande: Autos nº 0008916-21.2015.4.03.6000. [http:// www.prms.mpf.br/...s/sala-de-imprensa/noticias/](http://www.prms.mpf.br/...s/sala-de-imprensa/noticias/)

VIEIRA, Carlos Magno Naglis; SOUZA de Ilda; FERREIRA Rogério Vicente- **Culturas e História dos Povos Indígenas-4º módulo. Conhecendo os Povos Indígenas no Brasil Contemporâneo**. Editora UFMS 2014

AZANHA, Gilberto. **As Terras Indígenas no Mato grosso do Sul**. Revistas de estudos e pesquisas, v.2, n1, julho de 2005.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**, 1988

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os direitos do índio: ensaio e documentos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

ESTATUDO DO ÍNDIO. *Lei nº. 6001, de 19 de dezembro de 1973*. Disponível <http://www.socioambiental.org/pib/epi/terena.shtm> acesso: 30/05/2006

ANEXOS



Cacique da Aldeia Esperança na plantação de feijão. Plantação de feijão na Aldeia Esperança
Fonte: Mauro Paes (cacique da Aldeia Esperança).



Plantação de feijão na Aldeia Esperança
Esperança

Plantação de melancia na Aldeia

Fonte: Mauro Paes (cacique da Aldeia Esperança).



Plantação de quiabo e batata doce na Aldeia Esperança
Fonte: Zely Luis Paes

